



LAURENTINO GOMES E A HISTÓRIA – RESENHA DO LIVRO 1889

LAURENTINO GOMES AND THE HISTORY – BOOKS REVIEW 1889

Fabricio Lyrio Santos*

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB

flsantos@ufrb.edu.br

Li com alguma relutância o livro *1889*, de Laurentino Gomes, desafiado pelo número expressivo de vendas deste e dos demais *best-sellers* do autor.¹ Surpresa positiva: o livro é bom, bem escrito, bem cuidado quanto à indicação das fontes secundárias e referências, em que pese a ausência de pesquisa em fontes primárias e a falta de profundidade analítica, justificada pelo autor pela existência de “inúmeros e bons estudiosos acadêmicos [que] já se debruçaram [sobre o tema] com diferentes graus de sucesso ao longo dos anos”.²

Laurentino Gomes propõe uma abordagem jornalística da história enfocando os fatos como notícias e os sujeitos históricos como pessoas reais, vivas, humanas, de carne e osso. O resultado é uma narrativa leve e atraente que, do ponto de vista do conteúdo, privilegia episódios marcantes do passado ao lado de fatos triviais e anedóticos, muitas vezes negligenciados ou preteridos por historiadores profissionais; do ponto de vista da escrita, apresenta uma linguagem leve e sedutora, como se fosse

* Doutor em História Social pela Universidade Federal da Bahia.

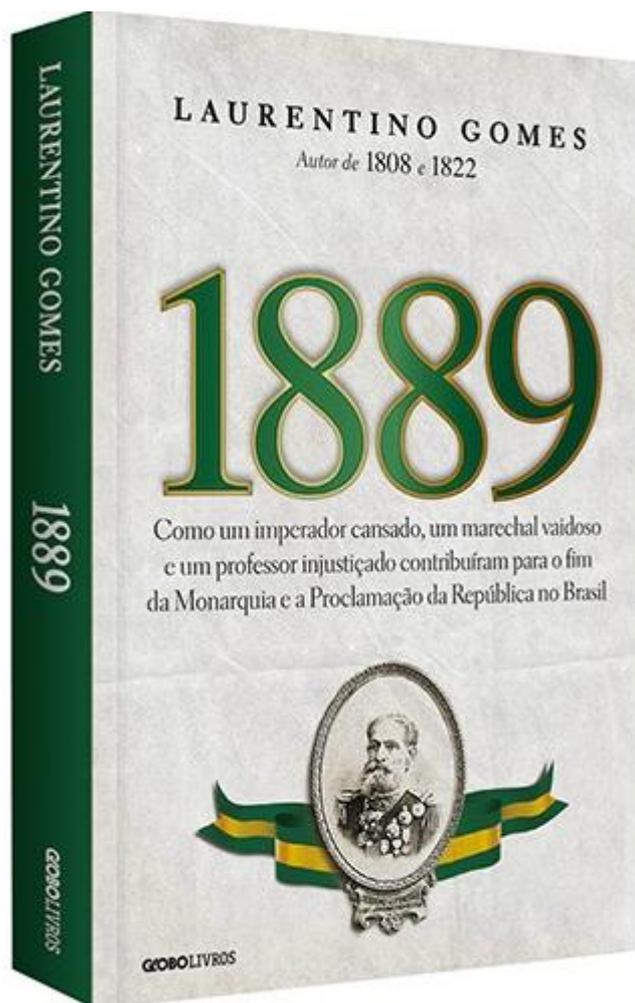
¹ GOMES, Laurentino. **1889**: Como um imperador cansado, um marechal vaidoso e um professor injustiçado contribuíram para o fim da Monarquia e a Proclamação da República no Brasil. São Paulo: Globo, 2013.

² Ibid., p. 28.

uma obra de ficção ou romance; do ponto de vista formal, traz o menor número possível de notas de rodapé e referências, deixando o texto seguir sem interrupções.

Reunidas, essas características visam atrair um público mais amplo, “não habituado a se interessar pelo assunto”, ou seja, que não nutre muito interesse pela História ou pela literatura acadêmica. Outro objetivo é se posicionar contra a “história tradicional” ensinada nas escolas, resumida à memorização de nomes, datas e acontecimentos, segundo tive o privilégio de ouvir do próprio autor durante a FLICA – Feira Literária Internacional de Cachoeira, em 2013. Ao seu lado estava outro *best-seller* do gênero, o escritor Eduardo Bueno. O site oficial do evento referia-se aos dois como “os mais destacados ícones da historiografia nacional contemporânea”.³

Exageros à parte, o principal mérito dos livros de Eduardo Bueno e Laurentino Gomes, incluindo o recente *1889*, é mostrar que a História pode atrair um número bem maior de leitores do que os especialistas e estudantes que ingressam na Universidade com o propósito ou a obrigação de ler obras extensas, por vezes maçantes, produzidas por historiadores profissionais. Ao transformar a escrita da História em uma espécie de jornalismo do passado, os autores descobriram um público ávido por narrativas que conciliam informação com entretenimento.



³ Cf. <http://www.flica.com.br/flica-promove-encontro-inedito-entre-historiadores/>. Acesso: 03/11/13.

A meu ver, o aumento da venda de livros de História em um país tradicionalmente visto como “sem memória” e sem interesse pelo passado (ou, pelo menos, pelas aulas de História) merece ser comemorado, não apenas pelo autor e pela editora, como também pelos profissionais que militam na pesquisa e no ensino de uma disciplina tão fundamental para a consolidação da cidadania. Livros como *1889* certamente contribuem para despertar nos jovens e adolescentes o gosto pela História. Obviamente, não sou o primeiro a reconhecer esse fato, mas acredito que ainda predomina nos meios acadêmicos uma atitude de total indiferença ou criticismo em relação a essas publicações.⁴

O livro em questão aborda, na sequência dos anteriores, uma data fundamental para a história brasileira, 15 de novembro de 1889, dia em que foi derrubada a Monarquia e instituída a República. Dividida em 24 capítulos, a obra soma 415 páginas e se concentra em torno do episódio, sem deixar de recuar várias décadas para mostrar o desenrolar do governo de D. Pedro II, quando necessário, e estende-se até os acontecimentos seguintes, com um curto capítulo final que introduz a discussão sobre a transição do governo republicano das mãos dos militares para as dos primeiros presidentes civis, Prudente de Moraes e Campos Salles. Os capítulos se dividem entre os que se pautam por recortes mais amplos, visando compor o cenário, e os que enfocam detalhadamente acontecimentos e personagens, como o próprio imperador Pedro II e demais membros da família imperial, os líderes da conspiração republicana e o hesitante Deodoro, principal símbolo da derrubada do Império. As notas aparecem no final do livro, seguidas da bibliografia. O autor lista um número expressivo de referências, revelando uma ampla pesquisa bibliográfica. Alguns autores como Emília Viotti da Costa, José Murilo de Carvalho e Heytor Lira são lembrados em diversas passagens do livro.

Como dito anteriormente, acredito que não se deve ignorar o sucesso obtido por Laurentino Gomes e sua consagrada trilogia. Sua capacidade de atingir um público mais amplo é uma contribuição importante que precisa ser levada em consideração. No entanto, algumas reflexões merecem ser feitas. Em primeiro lugar, deve-se ressaltar que o interesse crescente pela História não é resultado apenas de sua transformação em *best-*

⁴ Para uma breve discussão a esse respeito, cf. SILVA, Marcos. A história vem a público. In: _____. (Org.). **História: que ensino é esse?** Campinas: Papirus, 2013. p. 15-29. O autor se refere ao livro anterior de Laurentino Gomes, *1822*.

sellers de cunho literário ou jornalístico, tanto no Brasil quanto em outros países. A História passou por mudanças significativas no século XX e o sucesso editorial alcançado por autores como Laurentino Gomes está fortemente relacionado a essas mudanças. Indiretamente, foi a História produzida pelos historiadores profissionais nas últimas décadas que propiciou o aparecimento de livros como *1889*.

Desde o movimento conhecido como “Escola dos Annales”, iniciado na França no final da década de 1920, a História tem se distanciado das abordagens ditas tradicionais que enfatizam a memorização de nomes, datas e acontecimentos.⁵ Surgiram novos objetos, novos problemas e novas abordagens historiográficas ancoradas na interdisciplinaridade e na exploração de um número variado de fontes e testemunhos.⁶ Por outro lado, muitos historiadores, influenciados pela chamada “virada linguística” da década de 1960, passaram a encarar a História como uma forma de Literatura, uma espécie de romance construído com fatos reais, mudando a forma como ela é concebida e fazendo com que os historiadores profissionais passassem a se preocupar tanto com a *forma* quanto com o conteúdo de suas narrativas.⁷

No Brasil, em tempos recentes, autores como João José Reis, na Bahia, e Ronaldo Vainfas, no Rio de Janeiro, entre tantos outros, têm escrito livros de História com temáticas inovadoras, aliando profundidade analítica e mérito literário, tais como **A morte é uma festa** e **Domingos Sodré: um sacerdote africano na Bahia oitocentista**, do primeiro, e **A heresia dos índios e Traição**, do segundo. Desse modo, há um diálogo não revelado entre a historiografia profissional e o jornalismo histórico, embora lhe falte, intencionalmente, o mesmo rigor metodológico seguido pelos profissionais da área, ou seja, os que se dedicam profissionalmente à investigação histórica, lidando diretamente com fontes primárias.

Outro aspecto a ser considerado é que, ironicamente, ao enfatizar personagens e fatos marcantes do passado, o jornalismo histórico de Laurentino Gomes termina por se aproximar da História dita tradicional, ao contrário de combatê-la, enquanto a

⁵ Veja, entre outros, BURKE, Peter. **A Escola dos Annales: A revolução francesa da Historiografia**. São Paulo: UNESP, 1997.

⁶ Refiro-me, obviamente, à consagrada trilogia organizada por Jacques Le Goff e Pierre Nora, *Faire de l'Histoire*, publicada no Brasil pela editora Francisco Alves.

⁷ Cf., por exemplo, VEYNE, Paul. **Como se escreve a história** – Foucault revoluciona a História. 4 ed. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1998. Veja também: CERTEAU, Michel de. **A escrita da História**. 2 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

historiografia acadêmica se abre cada vez mais às pessoas comuns, aos temas marginalizados, aos processos de longa duração em lugar de datas ou acontecimentos específicos.⁸

Seria um erro imaginar que a História escrita em uma linguagem mais leve e voltada para um público mais amplo se reduza a mera informação e entretenimento. O próprio Laurentino Gomes, na introdução de *1889*, afirma: “Uma sociedade que não estuda história não consegue entender a si própria porque desconhece suas raízes e as razões que a trouxeram até aqui”. Um pouco adiante, conclui: “O estudo da história é hoje, talvez até mais do qualquer outra disciplina, uma ferramenta fundamental na construção do Brasil dos nossos sonhos em um novo ambiente de democracia”.⁹

Concordo inteiramente com o autor e acredito que a História, mesmo convertida em *best-seller*, tem sempre um papel fundamental a desempenhar na sociedade. Como afirma o autor, o desafio de levar a história a um público mais amplo, no Brasil, é “especialmente importante quando se trata de atrair a atenção de uma geração jovem bastante avessa à leitura”.¹⁰ Não tem sido outro o desafio dos milhares de professores de História que se dedicam ao ensino da disciplina nos diferentes níveis de formação, da educação básica à universidade.

Na França, em função do enorme impacto causado pelo movimento da *Escola dos Annales*, já referido, muitos foram os historiadores profissionais que se dedicaram a “popularizar” a História escrevendo livros de enorme sucesso editorial e participando de programas de rádio e televisão. Com isso, não apenas ampliaram a relevância da produção acadêmica, como também contribuíram para o aumento do interesse pela disciplina.

A meu ver, *1889*, fechando a trilogia de Laurentino Gomes, faz jus ao público que vem conquistando. Trata-se de um livro que vale a pena ser lido por pesquisadores e professores de História dos diferentes níveis de ensino, não de uma perspectiva

⁸ Para uma visão panorâmica sobre a produção historiográfica na atualidade, veja: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. (Orgs.). **Novos domínios da História**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

⁹ GOMES, Laurentino. **1889**: Como um imperador cansado, um marechal vaidoso e um professor injustiçado contribuíram para o fim da Monarquia e a Proclamação da República no Brasil. São Paulo: Globo, 2013, p. 27.

¹⁰ *Ibid.*, p. 28.

acadêmica, mas como uma contribuição importante para despertar nas gerações mais jovens o gosto pela História. No entanto, o sucesso alcançado pelo autor não nos deve levar a negligenciar o trabalho metódico e especializado, rigoroso e denso dos que se profissionalizam na área e se dedicam à investigação com fontes primárias e à produção acadêmica, a despeito de conquistarem menos leitores.

RESENHA RECEBIDA EM MAIO DE 2013.

PUBLICADA EM JUNHO DE 2014.



www.revistafenix.pro.br